

<http://www.discovernikkei.org/pt/journal/2016/7/4/yuba/>

Yuba, uma cultura diferente dentro da comunidade nikkei brasileira

Por Tatiana Maebuchi / 4 Jul 2016



Na Comunidade Yuba, cada um tem suas responsabilidades, além de participar de atividades tradicionais da cultura japonesa e aulas de música, dança e outros
(foto: arquivo pessoal/Masakatsu Yazaki)

NOTAS DO EDITOR: Na década de 1930, um grupo de imigrantes japoneses fixou-se em uma área do Brasil chamada Aliança, com a intenção de estabelecer uma colônia. Dentre eles, estavam Isamu Yuba e sua família. Yuba, juntamente com alguns amigos, mais tarde passou a comprar terras na região. Eles tinham a visão de estabelecer sua própria comunidade agrícola auto-sustentável com valores de "cultivo, oração e arte" em primeiro plano. Sua visão tornou-se a Comunidade Yuba.

Hoje, a Comunidade Yuba ainda segue a visão original de Isamu Yuba. É uma comunidade que é distinta do resto da comunidade nikkei brasileira. Os membros individuais suportam responsabilidades para a manutenção da comunidade, como agricultura, o preparo de refeições, etc, e participam na cultura tradicional japonesa, assim como uma variedade de formas de arte consideradas importantes. No artigo a seguir, apresentamos as histórias de duas pessoas que vivem ou viveram na Comunidade Yuba.

* * * * *

Existe uma realidade um pouco diferente, não totalmente brasileira nem japonesa na cidade de Mirandópolis, a 600 km de São Paulo. Lá vivem imigrantes e nipo-brasileiros que preservam muito da arte japonesa.

Uma nova cultura

Nascido na cidade de Hokuto, província de Yamanashi, Masakatsu Yazaki, de 72 anos, vive em Yuba desde 1963 – isto é, há 53 anos. “Na ocasião, vim somente para visitar a comunidade, não tinha intenção de me fixar no Brasil”, conta. Depois que passou a morar no Brasil, Yazaki convidou a mãe e o pai também para virem para cá e que algumas vezes a irmã e o irmão estiveram no país para visitá-los.



Masakatsu Yazaki estudou técnicas de artesanato com couro no Japão e se dedica à música em Yuba (foto: arquivo pessoal/Masakatsu Yazaki)

Atualmente, Yazaki se dedica à música. Autodidata, toca piano, dá aulas e também atua como maestro no concerto que é realizado no Natal. Além disso, faz o conserto de calçados – no Japão, estudou técnicas de artesanato com couro e de confecção de calçados.

Durante o tempo livre, gosta de ler, assistir a filmes e compor *haiku* (ou haikai, em Português, que é um poema clássico japonês, curto, dividido em três versos, de 5, 7 e 5 sílabas, sem rimas e geralmente sobre a estação do ano).

Já o que mais gosta da vida em Yuba é o fato de terem 90% de autossuficiência na produção da alimentação e a liberdade para cada um fazer o que quiser.

Talvez a comunidade seja um dos poucos lugares no Brasil onde se preza tanto pela preservação da cultura japonesa. Mas, assim como nas cidades, são feitas adaptações de acordo com a região. “É um local em que está nascendo uma nova cultura. A comunidade manteve a língua, hábitos alimentares e as tradições japonesas e que foram se amalgamando com as condições próprias do local.”

Com o passar do tempo vem grandes mudanças. Yuba está construindo uma fábrica de processamento de alimentos e teve aumento da população, além de aumento no número de casamentos e nascimentos. Hoje, são 28 residências e um total de 56 pessoas que vivem na comunidade.

Muitas mudanças são feitas pelas novas gerações – ou, pelo menos, ficam encarregadas disso. Yazaki tem uma visão bem positiva dos possíveis futuros líderes da comunidade. “Os jovens de Yuba carregam dentro de si a influência do espírito da tradicional cultura cultivada ao longo dos 80 anos da trajetória de nossa comunidade, fazendo deles jovens dedicados, de personalidade forte e cheios de vitalidade”.

“...a arte precisa estar presente no dia a dia...”

A arte era parte de Isamu Yuba, fundador da Comunidade Yuba, que sentia que era preciso trazer imigrantes artistas para fortalecer a colônia japonesa. Foi assim que a família de Aya Ohara, de 43 anos, foi viver lá, por meio do convite do próprio fundador.

O pai de Aya, Hisao Ohara, era escultor e a mãe, Akiko Ohara, é bailarina e coreógrafa. Akiko é a fundadora do Balé Yuba e, em sua chegada em 1961, começou uma nova fase cultural da comunidade com a construção do Teatro Yuba.



A bailarina Aya Ohara, que nasceu e viveu na comunidade, teve a experiência de estudar balé no Japão (foto: arquivo pessoal/Aya Ohara)

Aya nasceu em Yuba e sua rotina era bastante agitada. Frequentava a escola estadual do bairro Aliança e na comunidade tinha aula de língua japonesa, balé, coral e desenho semanalmente. Até os 10 anos de idade, ajudava a preparar refeições para os cerca de 80 integrantes da comunidade daquela época. Depois, a partir dos 11 anos, passou a participar das atividades na roça com os irmãos mais velhos.

Os jovens e adultos trabalham na roça e as mães com os filhos menores e idosas são responsáveis pelos serviços no refeitório e nas hortas. E cada um tem a liberdade de escolher outras funções específicas, como cuidar dos acervos, dar aulas de dança, etc.

“Gostava de fazer tudo que era coletivo. Ensaios de a e teatro, preparativos de festas e trabalhos”, revela Aya. No tempo livre, quando era criança, ela gostava de desenhar, fazer bordados e brincar ao ar livre com amigos.

Como a vida de um yubense não é igual à que os demais descendentes têm nas cidades, sua identidade também acaba por ser diferente. “Eu me considero brasileira, com forte influência cultural da Comunidade Yuba. Sinto-me diferente dos nipo-brasileiros que residem em outros lugares no Brasil, mas também diferente dos japoneses do Japão.”

Sobre aprendizados valiosos, tudo foi relevante. “É uma escola de vida, do afeto e do coletivo. Como se fosse uma grande família. A felicidade, tristeza e conquistas, tudo é muito intenso”, diz.

Aya define a cultura da Comunidade Yuba como uma “cultura híbrida nipo-brasileira” e explica que as atividades culturais e o trabalho de cultivo estabelecem um constante diálogo com a sociedade, atraindo as pessoas que atuam nas mais diversas áreas, proporcionando trocas e novas ideias.

São muitas as tradições japonesas preservadas no cotidiano da comunidade, que os que vivem ou viveram em Yuba querem passar para outras gerações, entre as quais: *mochi tsuki* (evento de Ano Novo), *koinobori* (Dia dos Meninos ou *kodomo no hi*), *hinamatsuri* (Dia das Meninas), atividade de *haikai*, dança (inclusive *bon odori*). Os yubenses mantêm também diversas receitas que herdaram de seus ancestrais, além da apresentação de Natal que é realizada desde a fundação da Comunidade Yuba, em 1935.

Assim como Yazaki, Aya tem um grande interesse pela arte, mais especificamente pelo balé, que começou a dançar logo depois que aprendeu a andar. E acredita que talvez já gostasse desde quando ainda estava no ventre de sua mãe.

Foi pelo balé que, aos 15 anos, teve a experiência de estudar no Japão durante cinco anos. “Tive emoção de vivenciar o universo que sempre conhecia apenas nos livros e na imaginação”, conta a bailarina. E completa: “Precisei me esforçar muito para acompanhar a matéria e, após a minha formação, ingressei no grupo teatral Shiki, muito conceituado no Japão. Neste período tive o privilégio de adquirir uma das experiências mais ricas de minha carreira artística”.

Depois desta imersão na sociedade japonesa, Aya decidiu morar em São Paulo para buscar novas experiências. Mas mantém o contato com Yuba e coordenou, entre 2009 e 2013, atividades do Ponto de Cultura - Cultivar a Arte. Tratava-se de uma ação do Governo Federal em parceria com Governo Estadual com o objetivo de apoiar as entidades que desenvolvessem alguma atividade artística na comunidade.

O projeto na Associação Comunidade Yuba teve como proposta fortalecer seu núcleo através de encontros culturais, para gerar reflexão, fomentar novas criações artísticas e formar as novas gerações através de trocas e vivências em diálogo com a filosofia da comunidade: a arte ligada ao cultivo da terra e à oração. Além disso, buscou intensificar e ampliar o raio de suas ações culturais, de forma que as comunidades do entorno pudessem usufruir da infraestrutura de Yuba, possibilitando que a experiência trazida em meados do século passado pudesse ser transmitida a outras pessoas.

Aya diz que estas experiências foram fundamentais para conhecer a complexidade do Brasil, tanto na questão racial quanto na desigualdade social. “Para mim foi uma rica oportunidade para refletir sobre a importância da questão da identidade”, finaliza.

Parece que quem se torna um yubense cria uma forte ligação com a arte. E o pensamento do fundador da comunidade Isamu Yuba é bastante interessante. Relacionar a cultura com as raízes, criando uma identidade única.

Construir um núcleo aqui no Brasil onde os imigrantes possam adquirir integração social com a sua tradição.

E para traçar este objetivo, em primeiro lugar necessitamos enraizar a cultura com firmes princípios.

Por isso, a arte precisa estar presente no dia a dia para proporcionar constante imaginação viva e a força de união.

— Isamu Yuba e companheiros

© 2016 Tatiana Maebuchi

Autor

Tatiana Maebuchi

 [tatanamaebuchi](#)



Nascida na cidade de São Paulo, é brasileira descendente de japoneses de terceira geração por parte de mãe e de quarta geração por parte de pai. É jornalista formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e blogueira de viagens. Trabalhou em redação de revistas, sites e assessoria de imprensa. Fez parte da equipe de Comunicação da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (Bunkyo), contribuindo para a divulgação da cultura japonesa.

Atualizado em julho de 2015